

ARQUITECTURA: COMO APRENDEMOS?

NOTE

ARQUITECTURA: COMO APRENDEMOS?

Ana Sofia Pereira da Silva

Alexandre Alves Costa
Carlos Machado
Filipa Guerreiro
Gonçalo Byrne
Inês Lobo
Joaquim Moreno
Jorge Figueira
José Manuel Soares
Manuel Aires Mateus
Manuel Mendes
Maria Manuel Oliveira
Nuno Brandão Costa
Nuno Mateus
Nuno Valentim
Paulo Providência
Ricardo Bak Gordon
Ricardo Carvalho
Sérgio Fernandez
Teresa Heitor

Este livro oferece ao leitor um conjunto de testemunhos de arquitectos portugueses, sobre o modo como aprenderam e ensinam arquitectura. São o resultado de entrevistas realizadas pela arquitecta Ana Sofia Pereira da Silva que lança, no início de cada conversa, duas perguntas essenciais: “Como aprendeu?”; “Como assiste e instiga a aprendizagem dos outros?”. Perguntas, cujas respostas não pretendem revelar fórmulas milagrosas ou modelos a seguir, mas sim partilhar experiências, intuições, e momentos pessoais que, de algum modo, nos fazem questionar, crescer e continuar a aprender.

Bárbara Silva (editora).

NOTE

NOTE

ARQUITECTURA: COMO APRENDEMOS?

Ana Sofia Pereira da Silva

Alexandre Alves Costa

Carlos Machado

Filipa Guerreiro

Gonçalo Byrne

Inês Lobo

Joaquim Moreno

Jorge Figueira

José Manuel Soares

Manuel Aires Mateus

Manuel Mendes

Maria Manuel Oliveira

Nuno Brandão Costa

Nuno Mateus

Nuno Valentim

Paulo Providência

Ricardo Bak Gordon

Ricardo Carvalho

Sérgio Fernandez

Teresa Heitor

ÍNDICE

Arquitectura: como aprendemos?	
Introdução por Ana Sofia Pereira da Silva	7
Alexandre Alves Costa	15
Carlos Machado	25
Filipa Guerreiro	35
Gonçalo Byrne	43
Inês Lobo	51
Joaquim Moreno	59
Jorge Figueira	69
José Manuel Soares	77
Manuel Aires Mateus	83
Manuel Mendes	91
Maria Manuel Oliveira	99
Nuno Brandão Costa	107
Nuno Mateus	117
Nuno Valentim	127
Paulo Providência	135
Ricardo Bak Gordon	143
Ricardo Carvalho	153
Sérgio Fernandez	161
Teresa Heitor	169

Ana Sofia Pereira da Silva (Braga, 1979) é arquitecta pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP, 2004) e Doutora em Arquitectura pela Escola Técnica Superior da Universidade Politécnica de Madrid (ETSAM, 2012).

Realizou um estágio curricular no *atelier* da Arquitecta Inês Lobo (2003) e colaborou com o Arquitecto José Manuel Soares (2004-2006). Iniciou a sua prática arquitectónica em 2007, que mantém até aos dias de hoje. Desde 2012, é professora auxiliar convidada na FAUP, mantendo paralelamente actividade de investigação.

Arquitectura: como aprendemos?

Introdução por Ana Sofia Pereira da Silva

Os testemunhos publicados neste volume foram recolhidos a partir de entrevistas realizadas entre 2018 e 2021. As entrevistas foram gravadas, transcritas, transformadas em testemunhos individuais e posteriormente revistas pelos autores. Propositadamente, as entrevistas não respeitaram um guião pré-estabelecido detalhado: as perguntas foram genéricas, com o intuito de não condicionar o discurso, estimulando a liberdade para o surgimento de temas relevantes para os arquitectos-docentes entrevistados. As perguntas «Como aprendeu?» e «Como assiste e instiga a aprendizagem dos outros?» imprimiram, num primeiro momento, um cunho autobiográfico aos relatos que se apresentam neste livro. Este pendor autobiográfico indica-nos à partida o cerne e também o mistério da aprendizagem. Esta acontece no encontro entre as características próprias de quem está a aprender, as circunstâncias da própria vida e o meio em que se desenvolve. Através do exercício de ouvir e registar os testemunhos de arquitectos-docentes com reconhecida experiência, tenta-se uma dupla compreensão do modo como aprendemos e também da especificidade da aprendizagem da arquitectura.

A construção de uma escola – cujo âmago se encontra no ensino – tem implicado a uniformização da aprendizagem, por motivos de gestão de meios e de construção de uma identidade específica. Contudo, a realidade demonstra que há uma grande diversidade de formas de aprender e de ensinar, bem ilustrada através destes testemunhos.

Aos actos de aprender e ensinar está subjacente a compreensão de que o conhecimento não é definitivo, mas antes se vai construindo e está em permanente questionamento e actualização. Esta instabilidade é, por um lado, o que permite a superação de quem aprende e, por outro, o que torna tão desafiante o processo de aprendizagem e tão exigente o acto de

ensinar. Tal como em qualquer área de saber, o corpo de conhecimento relativo à Arquitectura compreende uma extensa bagagem, que está, contudo, em contínua transformação. «Como ensinar Arquitectura?» é uma pergunta permanente.

Alguns dos testemunhos que aqui se recolhem apontam inclusive a impossibilidade de ensinar Arquitectura colocando o mote na importância de instigar a aprendizagem. Ao pôr a tónica no acto de aprender, mas dizendo, provocatoriamente, que a Arquitectura não se ensina, estes arquitectos-docentes defendem que a formação nesta área corresponde à construção de um caminho que, embora possa ser apoiado, tem de ser desbravado pelo aprendiz. A aprendizagem surge assim como a construção de um caminho de conhecimento e de reconhecimento. Neste sentido, um dos maiores desafios na construção de uma escola é a gestão dos caminhos individuais que vão traçando os elementos da sua comunidade e dos tempos e metas necessariamente estabelecidos pela colectividade. Contudo, esta gestão nunca poderá ser afinada à luz de um funcionamento maquinal e qualquer desejo nesse sentido prontamente se revelará um logro. Uma escola tem de abrir espaço ao desalinho e ao desafio entre caminhos individuais e expectativas colectivas. Ao mesmo tempo, todos os elementos da comunidade educativa deverão ser sensíveis à voz do colectivo – não por acatamento, mas pela certeza da indispensabilidade da aprendizagem comum.

Cruzando os diversos discursos reunidos neste livro, está também presente a ideia de que as múltiplas formas de aprender não estão apenas vinculadas ao contexto académico, embora permanentemente ligadas ao contacto com o outro. Outro esse que, pela partilha da sua acção e pensamento, em presença ou a partir das suas obras, estimula a abertura de novos caminhos do saber. Assim, no contexto da educação formal, o acto de aprender também se fertiliza na presença e na possibilidade de relação entre os seus variados intervenientes: entre estudantes, entre docentes, entre estes e aqueles... A presença permite uma comunicação mais ampla e assim uma compreensão mais profunda, que supera a mera transferência de conteúdos. Além do referido, no caso da aprendizagem da Arquitectura, a presença implica a colocação do corpo no espaço e a gestão relacional do mesmo. A presença permite comunicar com o próprio corpo a sua

capacidade e necessidade de produzir espaço, de se apropriar dele e de se deixar também à sua mercê. Em contraponto, vários entrevistados referem ainda a importância da aprendizagem à distância, que não deverá ser confundida com o ensino remoto em tempo real. Aqui, «aprender à distância» refere-se à capacidade que cada um tem de aprender com o outro, estando dele desvinculado no tempo e no espaço. Aprende-se com um autor a partir dos seus escritos, dos seus desenhos, das suas obras, ou seja, dos mais variados registos que fixem o seu pensamento. Estas fontes de informação e conhecimento podem ser difundidas a partir de variados meios (por exemplo, a imprensa, *internet* e televisão) e são fundamentais, mas não substituem a aprendizagem colectiva em presença.

A aprendizagem vista como um processo (sempre em aberto e em questionamento) implica um constante trabalho individual de quem aprende, mas também a existência de espaços de encontro nos quais o conhecimento adquirido individualmente possa ser colocado em relação. Discutir encontrando pontos de acordo e desacordo faz parte do processo de aprendizagem na sua dimensão social. Assim, as naturezas individual e comum do acto de aprender tampouco são passíveis de separação. Uma aprendizagem estritamente individual desligará aquele que aprende do mundo, atirando-o para um limbo narcísico. Uma aprendizagem apoiada apenas no encontro com os outros motivará a construção de uma visão do mundo impressa por pensamento alheio e, portanto, redundante. A consciência da necessidade deste equilíbrio vai atravessando os testemunhos aqui reunidos, tanto pela experiência de aprendizagem dos autores, como a partir da observação activa destes, enquanto docentes, da forma como os estudantes aprendem. Perante o processo de aprendizagem, o ensino surge como acção agitadora, que permite, no contacto com o conhecimento e a visão do outro, uma abertura nas possibilidades de caminho, favorecendo o questionamento, a dúvida ou a confirmação. Perante o discente, o docente deve expor os limites de acção do ensino, revelando que uma parte da aprendizagem é um percurso solitário. O docente pode ajudar o estudante a reconhecer essa solidão, não podendo salvá-lo dela totalmente.

As escolas de arquitectura foram ganhando certa autonomia e integrando as instituições universitárias já no período pós 25 de Abril. Temos aqui

reunido um grupo considerável de arquitectos formados enquanto o curso estava ainda integrado nas Escolas de Belas Artes. Nestes testemunhos percebe-se uma certa nostalgia, decorrente do reconhecimento de uma riqueza perdida, do tempo de aprendizagem em contacto com diferentes áreas de saber, nomeadamente a Escultura e Pintura. Esta riqueza, identificada por vários, revela a importância do encontro com outros saberes, o que enriquece a Arquitectura, e ajuda ao reconhecimento dos seus próprios limites e à identificação de relações com outras áreas de saber. Desta nostalgia poder-se-á decantar a importância da dinâmica que estes encontros entre áreas de saber distintas proporcionavam, de forma a buscar estratégias de revitalização destes encontros. Reatar as naturais e frutíferas relações entre áreas disciplinares revela-se urgente, observando a Arquitectura como uma área de saber que se tem progressivamente encapsulado – em vez de se imiscuir num mundo mais vasto de conhecimento.

Se é certo que a aprendizagem de cada estudante se alcança a partir da construção de um caminho que vai sendo alimentado pelos vários encontros (entre pares, com professores, obras, espaços, autores, entre outros), também um docente segue um caminho de aprendizagem, contaminado pelas suas circunstâncias internas e externas e pelos encontros que vão condicionando a sua caminhada. Afinal, um docente é também um ser em formação. Os testemunhos aqui reunidos expressam o motor de aprendizagem contínua que os docentes encontram no contacto com os discentes. Este confronto é consensualmente relatado como estimulante e fonte de um benéfico desassossego. Esta inquietação surge também pela limitação que cada docente sente na sua acção, pois este posiciona-se perante o estudante como facilitador ou cúmplice, tentando evitar a tentação que sofre quem é também fazedor.

Num curso de Arquitectura, necessariamente dotado de uma componente prática forte – dada a natureza múltipla do conhecimento que maneja (técnica, teórica, histórica e artística) – a relação entre discentes e docentes adquire amiúde uma proximidade que é desconhecida noutras área de formação. Sabe-se que a emoção joga um papel fundamental na aprendizagem, pelo que as relações humanas estabelecidas entre os vários elementos de uma comunidade académica são fundamentais para o alcance de aprendizagens significativas, tanto para docentes como para

discentes. Realça-se assim a importância do tempo de contacto comum no processo de aprendizagem, sem negligenciar a importância do trabalho individual. Uma aprendizagem plena reúne assim a capacidade de trabalhar em conjunto e aprender em cooperação, como a apreensão do papel individual e da consciência da autoria. Outra questão significativa que vai surgindo entre as vozes aqui convocadas é o interesse que a diversidade da comunidade escolar imprime ao processo de aprendizagem colectivo e individual. Além desta, vai-se observando como a diferença, o desacordo e até o conflito podem estimular a aprendizagem, ajudando a consolidar um espírito crítico, uma capacidade argumentativa e, fundamentalmente, a sensibilidade perante a existência e necessidade de convivência entre distintos pontos de vistas sobre as mesmas circunstâncias. Por tudo isto referem-se, muitas vezes, as vantagens do contacto de grupos de alunos com diversos professores ou dos momentos de crítica com elementos externos à academia ou aos grupos em causa. Independentemente das estratégias usadas por cada escola ou departamento, é certo que a exposição do aluno a uma polifonia de pensamento será favorável ao seu desenvolvimento. Referida também por vários entrevistados é a identificação de uma crescente separação entre a teoria e a prática no seio das escolas de Arquitectura. Esta separação corresponderá sempre a um empobrecimento da aprendizagem, pois é precisamente nas relações que se podem estabelecer entre o fazer e a reflexão do fazer que se poderá alcançar uma verdadeira aprendizagem.

Nesta reunião de contributos está também presente a constatação de um certo afastamento das práticas académicas das diversas realidades em que, no futuro, o arquitecto em formação poderá operar. Este afastamento surge de mãos dadas com uma progressiva profissionalização dos docentes dentro da academia e com o simultâneo afastamento dos mesmos de práticas profissionais ou de outras práticas externas ao mundo académico. Se poderá ser consensual que, nos dias de hoje, uma aprendizagem oficial, unicamente vinculada à colaboração em *ateliers* de arquitectura, teria óbvias limitações, convém reflectir sobre a validade do extremo oposto: a capacidade formativa de uma aprendizagem guiada por directrizes afastadas dos problemas da(s) prática(s). Ao longo do curso, os alunos têm sempre arquitectos como interlocutores ou críticos

dos seus trabalhos, o que, por um lado, fomenta enviesamentos vários e, por outro, não permite ao aluno uma aprendizagem da comunicação, da criação de empatia, de saber ouvir as necessidades e visões daqueles que serão também, no futuro, os seus interlocutores: os habitantes e todos os outros agentes com os quais terá de trabalhar de forma cooperativa.

Para um novo estudante, a entrada numa escola implicará a abertura de novas portas para o mundo, a partir da construção de uma nova forma de olhar e pensar, que se desenvolve a par com a aquisição de novas formas de perseguir o conhecimento. As escolas de arquitectura instigam a aprendizagem também fora das suas portas. Referida por vários dos arquitectos entrevistados, a viagem, programada no âmbito do percurso curricular, planeada individualmente ou entre pares, tem demonstrado, ao longo do tempo, ser uma acção produtiva e complementar no percurso de aprendizagem em Arquitectura. Um conhecimento mais vasto do mundo alia-se a outra convicção que vai atravessando estes testemunhos e que se refere à necessidade de construção de uma ampla cultura arquitectónica, que alimente a possibilidade de pensar e fazer. Como inúmeras vezes referido por Álvaro Siza: «O Arquitecto não é um especialista. A vastidão e variedade de conhecimentos que a prática de projecto hoje envolve, a sua rápida evolução e progressiva complexidade, de modo algum permitem conhecimento e domínio suficientes. Relacionar – projectando – é o seu domínio, lugar do compromisso que não signifique conformismo, da navegação entre a teia de contradições, o peso do passado e o peso das dúvidas e alternativas de futuro – aspectos que explicam a inexistência de um Tratado contemporâneo de Arquitectura.»¹ Uma escola deve, assim, ajudar a formar o arquitecto como alguém que consegue interpretar tanto o território e a paisagem como o hábito ou a prática espacial. Alguém que seja simultaneamente sensível às leis da física e à inexistência de leis para o inexplicável deslumbramento. No limite, o verdadeiro papel de uma escola é ensinar a aprender, já que aprender é uma acção permanente, que coexiste com a vida. Aprender como um caminho simultâneo de descoberta do mundo e de si próprio, mas também como reunião de um corpo de conhecimento que não se deverá confundir com uma colecção de informação. Para se constituir como um processo sem esmorecimento, a aprendizagem implica curiosidade acesa e olhar atento.

Nas páginas seguintes os leitores encontrarão riquíssimos testemunhos, em primeira pessoa, de personalidades do mundo da arquitectura que generosamente contaram a sua experiência como alunos, arquitectos e docentes. Aqui encontrarão convicções, intuições e algumas dúvidas relativas à aprendizagem do projecto de Arquitectura, da sua relação com a Teoria, com a História, com o Desenho e a Construção. Encontrarão também reflexões sobre a construção de método e o desenvolvimento de instrumentos de pensamento próprios do âmbito disciplinar arquitectónico. No entanto, além das convicções estabelecidas, estes discursos deixam também a porta aberta à interrogação: às questões que surgem no presente com urgência de resolução; à indefinição, que sempre acarreta uma perspectiva de futuro; à inquietação perante um mundo em clara transformação. Os olhares atentos e curiosos, bem como as dúvidas e inquietações aqui sentidas, prometem um futuro no qual a discussão sobre o ensino e a aprendizagem da Arquitectura seja profícua, permitindo uma reapreciação das estratégias de ensino em consonância com as necessidades actuais de aprendizagem.

¹ Siza, Álvaro, 01 Textos. Porto: Civilização editora, 2009.

Agradecimentos

Deixo aqui o meu agradecimento pelo tempo, pelo bom acolhimento desta ideia e pela generosidade na partilha da experiência e do pensamento, a todos os arquitectos que entrevistei e que aceitaram participar neste livro: Alexandre Alves Costa, Carlos Machado, Filipa Guerreiro, Gonçalo Byrne, Inês Lobo, João Luís Carrilho da Graça, Joaquim Moreno, Jorge Figueira, José Manuel Soares, Manuel Aires Mateus, Manuel Mendes, Maria Manuel Oliveira, Nuno Brandão Costa, Nuno Mateus, Nuno Valentim, Paulo Providência, Ricardo Bak Gordon, Ricardo Carvalho, Sérgio Fernandez e Teresa Heitor.

Agradeço também à arquitecta Bárbara Silva, editora deste livro, pela confiança neste projecto de trabalho e pela boa companhia, nesta e noutras viagens.

À Direcção Geral das Artes (DGArtes) agradeço o apoio no âmbito do programa Emergência - Criação que permitiu levar este livro a bom porto.

Por último, um agradecimento a todos os estudantes com quem tive o privilégio de partilhar caminhos de aprendizagem. É a estes estudantes que dedico este livro.

apoio à edição: *dg*ARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

editora NOTE www.note.org.pt

direcção editorial Bárbara Silva

Arquitectura: como Aprendemos?

autora Ana Sofia Silva

ISBN 978-989-99673-3-5

Lisboa 2022

impressão NORPRINT - casa do livro

depósito legal 496428/22